A MARAVILHOSA GRAÇA

TEXTO ÁUREO = “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus” (Cl 3.1).

VERDADE PRÁTICA = Não devemos abusar da infinita bondade de Deus mediante a desculpa de que, quanto maior o pecado, maior será a graça divina.

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE = Romanos 6.1-14.

INTRODUÇÃO

Como Cristo viabiliza a nova humanidade que está livre dos seus pecados? Como é a universalidade do pecado e da morte em Adão substituída pela união da nova raça em Cristo, que conduz à justiça e à vida eterna? Se a lei não foi dada para promover a justiça, então qual é o seu papel? Qual é o método de Deus para libertar os homens da “lei do pecado e morte”?

A posição implícita de Paulo é que o homem, que é justo perante Deus por meio da fé, é também um homem que foi santificado por Deus. O homem convertido tem uma nova existência em Cristo. Libertado do domínio do pecado por meio de sua união com o Salva dor morto-ressuscitado, ele pode se elevar às alturas da santidade por meio da fé e da dedicação de si mesmo a Deus (6.1-14). Esta nova existência é também uma nova ordem a ser obedientemente respeitada. Como ele anteriormente se entregou à iniqüidade pela iniqüidade, o novo homem em Cristo deve agora se entregar em total obediência à justiça.

O fim desta nova ordem é a santificação no mais alto sentido, resultando em vida eterna (6.15-23). A morte pelo pecado tem a sua contrapartida na morte pela lei como um meio de salvação, pois pela lei o homem está unido ao pecado. O homem pela lei é homem na carne (7.1-6). Isto, entretanto, não deve ser interpretado como significando que a lei por si própria é pecaminosa. A lei enfatiza as obrigações do homem para com Deus, mas o pecado transformou a lei justa e santa de Deus numa “lei de pecado e morte”. Quando o mandamento influencia a consciência do homem, o pecado emerge para a vida, e o homem morre. Alei então passa a ser o meio pelo qual Deus mostra à excessiva propensão pecaminosa do pecado (7.7-

13). A lei reivindica a devoção total do homem, mas o homem é carnal.

Como o pecado mora dentro dele, ele é espiritualmente impotente. Quanto mais ele luta consigo mesmo para agradar a Deus, mais patética se torna a sua existência (7.14-25). Mas o que o homem nunca poderia fazer para si mesmo, Deus o fez em Cristo. Enviando o seu Filho “à semelhança da carne do pecado, e pelo pecado...”
Deus condenou o pecado na carne, de modo que a exigência justa da lei pudesse ser cumprida no homem que crê em Cristo e “não anda segundo a carne, mas segundo o Espírito”. No Espírito, derramado na sua plenitude no Pentecostes (cf. 5.5), o homem tem a libertação, a orientação, a segurança, a ajuda e a esperança da redenção final (8.1-27).

Este é o evangelho da santificação do homem, expresso por Paulo. Deus justifica o homem para que Ele possa santificá-lo. Nesta seção da Epístola aos Romanos, descobri remos a conexão vital entre os dois aspectos da salvação; a justificação e a santificação. “A justificação pela fé é o meio”, Godet observa corretamente, “e a santificação é o fim. Quanto mais precisamente distinguirmos entre estas duas dádivas divinas, melhor compreenderemos o elo que as une”. Ajustificação é a realidade básica sobre a qual a vida cristã está fundamentada, e significa que o crente, por meio da fé em Cristo, recebeu a nova justiça que se origina de Deus.

A santificação propriamente descreve o trabalho total do Espírito em converter o crente na imagem do Filho de Deus. Ela se inicia na justificação, continua como um crescimento na graça, e é feita “inteira” num segundo momento - depois do que, naquilo que Daniel Steele chamou de “o paradoxo de Wesley”, há um crescimento continuado. Enquanto Deus continua a justificar, a santificação pros segue, abrangendo todas as áreas da existência do homem.

a) A santificação através da morte para o pecado (6.1-23). A parte final do capítulo 5 - que sobrepõe o pecado, a lei e a graça - levanta de forma acentuada a questão à qual Paulo já tinha aludido em 3.7-8: “Por que não dizer: ‘Façamos o mal para que desse mal venha o bem’, como alguns têm me caluniado, dizendo que eu afirmo isso” (NEB) Se a justificação é pela fé, separada dos atos da lei; se a lei (que ordena uma vida de virtude) serve somente para o propósito de levar o pecado a uma posição de destaque; e se, quando o pecado abunda, a graça abunda muito mais - por que deveriam os cristãos

lutar contra o pecado? Por que não pecar sem restrições, para que a graça possa existir em abundância? O fato de Paulo lidar demoradamente com esta questão mostra quão seria mente a sua doutrina do dom gratuito da graça deve ser compreendida.

Em 3.5-8 ele trata da questão das premissas dos judeus: Deus é o Juiz, e o Juiz de toda a terra fará aquilo que é correto. Agora ele sente que deve dar uma resposta cristã. Uma vez mais o apóstolo recorre ao estilo da diatribe (veja os comentários sobre 2.1).

Sem dúvida ele responde aos antinomianos de algumas de suas igrejas que concluíram que o pecado talvez fosse perdoado na sua totalidade, e também respondendo aos adversários que alegaram que este era o resultado lógico do evangelho de Paulo.
Este dilema apresenta uma dificuldade genuína. Em épocas de avivamento religioso, quando a nova ênfase foi depositada sobre o dom gratuito da graça de Deus, apareceu o subproduto sinistro do antinomianismo fanático; Lutero e Wesley tiveram que lidar com tal fanatismo. E mais comum que esta tendência antinomiana tome a forma de “uma aquiescência complacente em um padrão moral baixo ou limitado, combinado com uma perigosa emoção religiosa”.

1) Morrendo com Cristo para o pecado (6.1-14). No versículo 1, Paulo pergunta: Que conclusão devemos tirar da minha posição anterior? Que diremos, pois? Permanece remos no pecado, para que a graça seja mais abundante? Seu objetivo não é tirar conseqüências lógicas de seu ensino anterior, mas rejeitar as falsas conclusões do antinomianismo. “Vamos continuar [epimenomen, presente do subjuntivo] em pecado [te hamartia, o pecado] para que a graça possa aumentar?” (NASB) Teremos que ser hospi taleiros para o pecado, que reinou desde a queda de Adão? Teremos que dar a este pecado uma morada? Devemos, aqueles que fomos justificados, continuar na mesma relação que tivemos com “o pecado” antes de irmos a Cristo? Devemos continuar a reconhecer o pecado e viver sob o seu domínio? Devemos manter uma atitude de cordialidade com o pecado para que a graça possa ser abundante?

A resposta é um retumbante De modo nenhum! (me genoito, “E claro que não!” RSV). Nós que estamos mortos para o pecado (apethanomen te hamartia, tempo aoristo - “que morremos para o pecado,” NASB, RSV) como viveremos ainda nele? (2) Barret nos lembra que a forma particularizada do pronome hoitines (pronome de qualidade - “gente como nós”) dá o sentido. “Não podemos, como

cristãos, continuar vivendo em pecado porque como cristãos morremos para o pecado; no que se refere ao pecado, estamos mortos. O tempo passado definido, “morremos”, aponta para um momento de terminado; a conversão e (como o próximo versículo mostra) o batismo devem estar em mente”.

Paulo agora se eleva acima do limite estreito da lógica humana e inicia o seu argumento de que “a natureza dos problemas morais humanos se torna clara somente quando você eleva a sua vida à luz do propósito de Deus, como foi revelado no grande drama da morte e da ressurreição de Cristo”. A partir desta perspectiva podemos chegar a determinadas conclusões quanto à natureza da nossa verdadeira vida. Isto é lógico também, mas de uma maneira mais ampla e abrangente do que o que provocou a questão. “A passagem também enfatiza uma daquelas distinções simples que constituem o alicerce de toda moralidade.
Como podemos, nós que morremos para o pecado, ainda viver nele? ’ Há uma incompatibilidade fundamental entre certas coisas, e ela é tão insuperável quanto à diferença entre a vida e a morte... “Viver’ e ‘Morrer’ não podem ser reconciliados”.
Existe apenas uma interpretação possível para as palavras de Paulo.
O crente justifica do foi “justificado do pecado” (veja v. 7). Ele já não é mais tiranizado pelo espírito da revolta que contaminou a raça desde a queda de Adão. O pecado já não “governa” mais o seu corpo. Barth pergunta: “O que é o perdão dos pecados (como nós o entendemos) se não estiver acompanhado diretamente por uma verdadeira liberação do ato de cometer pecados?...O que é a fé sem a obediência?”

A base para a posição que Paulo está prestes a enunciar já foi estabelecida em 5.12-21. “Adão foi à pessoa principal da antiga humanidade, durante e depois da qual o pecado teve a sua vitória e estabeleceu o seu controle; Cristo foi a principal pessoa da nova humanidade - o homem novo - da qual o pecado foi excluído sob uma vergonhosa derrota”. “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivifica dos em Cristo” (1 Co 15.22).

Este versículo nos dá a idéia de “pelo menos a metade” dos exemplos em que Paulo usa a expressão “em Cristo”. “Estar ‘em Cristo’ é estar incorpora do à recém-criada humanidade, a nova comunidade ou ordem de relacionamento sobre natural, o novo “corpo”, que veio à existência através e ao redor de Cristo. O fato essencial sobre o crente é que ele já não está ‘em Adão’; ele ‘está em Cristo’. Ele já

não é mais um ‘homem natural’; mas um ‘homem espiritual’. ”Deve-se entender que o Filho encarnado existiu em duas condições - na sua própria pessoa, e como o Representante e Chefe da nova humanidade.

Cada ato em que Ele trabalhou foi desempenhado em nome da nova humanidade que Ele carregou em Seu corpo (cf. 8.2-4). Dietrich Bonhoeffer insiste: “E impossível tornar-se um novo homem como um indivíduo isolado. O novo homem significa mais do que um crente individual depois de ter sido perdoado e santifica do. Significa a Igreja, o Corpo de Cristo, e na realidade significa o próprio Cristo”.

Nossa santificação está, portanto, em Cristo, tanto na sua pessoa (1 Co 1.30) quanto no seu corpo (Cl 2.9-12). Ao morrer e ressuscitar com Ele, estamos libertados do pecado e nos tornamos unidos a Ele numa relação em que podemos receber o Espírito Santo na plenitude pentecostal. Esta é a linha da verdade que o apóstolo considera nos versículos 3-14.

Não sabeis que todos quantos (hosoi, pronome de quantidade - “tantos indivíduos quanto”, em contraste com hoitines do versículo 2) fomos batizados em Jesus Cris to fomos batizados na sua morte? (3) A pista para o que Paulo quer dizer com batizados em Cristo é fornecida em 1 Coríntios 10.1-2, em que ele escreve sobre “nossos pais” sendo “todos batizados em Moisés, na nuvem e no mar”.287A mesma fórmula também é aplicada tanto para Moisés quanto para Jesus Cristo (eis ton moysen ebaptisanto e ebaptisthemen eis christon iesoun).
Paulo pode dizer que os filhos de Israel foram “batizados em Moisés”, porque ele está em concordância com o sentimento de Estêvão de que Moisés era um “príncipe e libertador” (archonta kai lytroten, At 7.35).

A implicação desta expressão será compreendida se comparada com a fórmula pela qual o próprio Senhor Jesus é designado: “um Príncipe e Salvador” (archegon kai sotera, At 5.31). O papel de Moisés foi de grande importância e está claro por que Paulo pôde falar do batismo dos israelitas com ele, ou seja, em união com ele. O batismo em um sentido arquétipo está presente aqui por causa dos elementos naturais (nuvem e mar) que selaram a unificação do povo e seu líder, possibilitando que as pessoas se apropriassem dos benefícios oriundos da obra da salvação, que Deus empreendeu ao convocar Moisés: as pessoas foram praticamente salvas pelo próprio

Moisés; Moisés, em pessoa, resumiu e engajou-se para cumprir o plano de Deus; era necessário e suficiente que os homens estivessem unidos a ele, a fim de se integrarem com o movimento de salvação que o profeta impeliu dentro do processo histórico.

Da mesma maneira, mas em um sentido mais profundo e real, a pessoa de Cristo resume o novo homem que Deus deseja elevar; no pensamento de Deus, Ele recolhe dentro de sua própria pessoa todos aqueles que estarão unidos a Ele para compartilhar do seu trabalho salvífico. E assim que Ele inicia a nova humanidade, “a igreja, que é o seu corpo” (Ef 1.22-23).

Mas ser batizados em Jesus Cristo é ser batizado na sua morte. O melhor comentário sobre esta última expressão está no versículo 10a. Quando Cristo morreu, Ele morreu de uma vez por todas para o pecado. Sua morte foi um rompimento completo do seu contato com o pecado. O nosso batismo é um sinal e uma marca da nossa morte para o pecado, da nossa separação do domínio do pecado. Devemos ser extremamente cuidadosos aqui para não retrocedermos a qualquer idéia de graça sacramental nos ensinos de Paulo, que o apóstolo já havia repudiado no princípio (veja 4.9-11 e os comentários).

Com referência ao fato, Paulo defende a sua posição contra o “sacramentarianismo” ao fazer a distinção entre a morte dos crentes e a sua ressurreição com Cristo. Desta última ele trata cautelosamente, referindo-se a ela no modo subjuntivo ou no tempo futuro (versículos 4-5, 8). “Não há opus operatum sacramental por meio do qual os cristãos possam assegurar a si próprios, independentemente da fé e da sua própria seriedade moral, o fato de levantar-se da morte para desfrutar a vida da Era Vindoura”.

Por outro lado, Paulo se dirige a toda a igreja romana como a congregação dos crentes batizados (3a). Assim era cada congregação do Novo Testamento; simplesmente não havia cristãos não batizados, exceto pelos catecúmenos (novos convertidos) que estavam em processo de preparação para se tornarem membros da igreja. “Não seria natural para Paulo, nem para qualquer contemporâneo, considerar se a fé sem o batismo faria do homem um membro do Corpo de Cristo, ao passo que o caso de uma pessoa que procuras se

o batismo sem fé (por mais rudimentar que fosse) teria parecido um fato anormal demais para ser digno de atenção".

Entretanto, uma doutrina da justificação pela graça por meio da fé requer uma distinção entre a iniciação no corpo espiritual de Cristo (1 Co 12.13) e a identificação com o corpo visível por meio do batismo. Esta distinção parece ser exigida pela seguinte sentença: De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte (4) O sepultamento pressupõe que a morte já ocorreu. O batismo dramatiza e torna real a morte para o pecado, que já tinha ocorrido na Cruz. Conseqüentemente, nós concordamos com Dodd que Paulo "não está, nesta passagem, expondo a natureza do sacramento como tal, mas aproveitando-se da importância do sacramento que se aceita para um propósito pedagógico - convencer a imaginação acerca da verdade profundamente enraizada na experiência, mas que é difícil de expressar em termos puramente intelectuais".

No versículo 4 lemos: De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Godet conclui que Paulo está dizendo "Em conseqüência desta morte para o pecado, em Cristo... fomos conseqüentemente sepultados com Ele... para que também ressuscitássemos com Ele', o que significa: 'sepultados com Ele, não com o propósito de permanecer na tumba ou emergir dela para retornar à vida passada, mas para penetrar em uma nova vida, de onde o retorno para a antiga está definitivamente impedic. A morte na qual fomos batizados é a dele, e a nossa morte está ao mesmo tempo incluída na dele. Este batismo na morte é a fim de que (hina) sejamos ressuscitados com Ele para que andemos em novidade de vida (en kainoteti zoes).

Vincent entende isto como "uma expressão mais forte do que vida nova. Ela dá mais notoriedade à idéia principal, novidade, do que seria dada pelo adjetivo". Novidade de vida se segue ao funeral com Cristo, assim como a ressurreição seguiu o seu funeral; em ambos os casos pressupõe-se um ato poderoso de Cristo. Na realidade é apenas um ato, pois o crente está inseparavelmente ligado a Cristo. Este ato poderoso se dá pela glória do Pai. Apalavra glória é um termo escatológico (2.7,10; 5.2; 8.17, 21). A Ressurreição deu início à era do cumprimento, a nova era (cf. Jo 5.25; Ef 2.1-7).

Porque, se fomos plantados juntamente com ele (symphytoi gegonamen, "uni dos com Ele", NASB, RSV; "tornados incorporados

com ele", NEB) na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição (5). O texto grego omite a segunda expressão na semelhança. Portanto, a leitura do versículo é, literalmente, "Pois se nós nos tornamos unidos a Ele na semelhança da sua morte, também o seremos na sua ressurreição". Pelo batismo, nós imitamos a sua morte, ou melhor, dramatizamos nossa morte para o pecado com Ele. "Ora", diz Paulo, "nós vamos participar da sua ressurreição!" A nossa morte é como a dele; a nossa ressurreição é a dele. E a sua própria vida que Ele nos transmite pelo Espírito quando ressuscitamos com Ele em novidade de vida. "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (G12.20, RSV). Phillips compreendeu o pensamento de Paulo: "Se nós temos com partilhado a sua morte, ressuscitemos e vivamos a nossa nova vida com Ele!"

O uso do futuro no versículo 5b é digno de nota: ...também o seremos na... Sua ressurreição. Paulo estará falando da ressurreição futura, da glorificação corporal dos crentes? Dificilmente podemos duvidar que isto esteja no horizonte dos seus pensamentos (cf. 8.17-23), mas esta não é a sua preocupação imediata. Paulo aqui está falando da participação real do crente na vida do Senhor ressuscitado. No versículo 11 ele faz outra alusão à nova vida do crente que não pode ser compreendida, exceto compartilhando a vida do Cristo ressuscitado. "Portanto, a expressão denota somente a santificação, a ressurreição moral do crente... nós começamos com a união à pessoa de Cristo pela fé naquele misterioso Ele por mim, que forma a essência do evangelho; então essa união se amplia até que todo o seu ser, como o Ressuscitado, tenha sido passado a nós".

No versículo 6, Paulo apresenta a idéia do conhecimento subjetivo: Sabendo isto: (touto ginoskontes). Novamente no versículo 9 encontramos o verbo sabendo (eidotes), e no versículo 11 o verbo considerar (logizesthe). A inserção deste pensamento é crucial para o ensino de Paulo; ela ressalta o significado moral de seremos (5b). "A nossa participação na ressurreição de Cristo não acontece em meio a um processo físico e natural. Para que tal resultado possa ocorrer, é necessária uma cooperação moral por parte do crente".

Esta cooperação moral, naturalmente, pressupõe um conhecimento do caminho e do fim (v. 8) da nossa santificação. Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado (6). "O crente compreende que o objetivo final que Deus tem em mente

ao crucificar o seu velho homem (v. 6), é o de fazer com que ele viva a vida do Ressuscitado (versículos 8 e 9), e que ele entre ativamente no pensamento divino. So mente assim isto poderá acontecer".

Agora chegamos ao ápice do argumento de Paulo. Tudo o que foi dito até agora tinha a intenção de mostrar que a herança deixada por Adão tinha sido provisoriamente neutralizada pela morte na Cruz, para que uma nova humanidade pudesse surgir do Senhor ressuscitado. Quando Cristo morreu, houve a crucificação da antiga raça em Adão. Como o Filho do Homem, Jesus tornou-se um habitante da carne (cf. 8.3).

Ele se identificou com os filhos de Adão completamente, exceto no que se refere ao pecado (Hb 4.15). Jesus se uniu à humanidade identificando-se com a humanidade, redimindo a humanidade ao entrar nela e, por meio de sua vida e morte, condenou e exterminou (potencialmente) o pecado na humanidade. Quando Cristo morreu, foi, portanto, a morte do velho Adão. O nosso velho homem, diz Godet, refere-se à "natureza humana como ficou pelo pecado daquele em quem originalmente estava concentrado, reaparecendo em cada ego humano que venha ao mundo sob o domínio do amor próprio, o que foi determinado pela transgressão primitiva". Leenhardt comenta: "Este velho homem, este ser decadente, somos nós mesmos, considerando o nosso status como os filhos de Adão". É velho no sentido de que pertence à antiga eternidade que morreu com a morte de Cristo, e em contraste com o novo homem que emergiu com a sua ressurreição. "Este velho homem é crucificado quando o crente se preocupa com a pessoa do Cristo crucificado".

Barrett escreve: "A interpretação que se recomenda pela sua simplicidade é que o 'velho homem' é a natureza do homem que não se converteu, e que pela conversão e pelo batismo é substituída por uma nova natureza, o 'novo homem'. Mas a leitura aten ta de Colossenses 3, e desta passagem, torna impossível esta interpretação.

Em Colossenses foi dito que os cristãos se despiram do velho homem e se vestiram com o novo. Aqui na Epístola aos Romanos foi dito que os cristãos devem considerar que estão mortos para o pecado e vivos para Deus (v. 11). E muito mais preciso afirmar que 'o velho homem' é Adão - ou melhor, nós mesmos, em união com Adão, e que o 'novo homem' é Cristo - ou melhor, nós mesmos, em união com Cristo.

A morte de Cristo foi “potencialmente a morte de toda a raça humana, assim como a sua ressurreição foi potencialmente a recriação de toda a humanidade”.

Em Adão, ou seja, na solidariedade com a humanidade caída pela natureza pecadora, todos devem morrer; mas em Cristo, ou seja, por meio da incorporação à humanidade redimida no corpo de Cristo, todos são feitos vivos (5.12-6.11). Na morte de Cristo no Calvário, morreu toda a raça humana, porque Cristo é o Homem representativo: “Se um morreu por todos, logo, todos morreram” (2 Co 5.14, NASB; a última frase é ara hoi pantes apethanon).
Na ressurreição de Cristo, foi criado o novo homem (Ef 2.15; Cl 3.9-11). O indivíduo por meio da sua fé, dramatizada pelo batismo - se apropria da salvação possibilitada por Cristo. Com Cristo, ele morre para o pecado e ressuscita para a novidade de vida. Assim, com inteira realidade, ele pode confessar: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (G12.20). O batismo materializa e ratifica a nossa morte para o pecado; ele remove toda a experiência do campo do subjetivismo puro, e a conecta a um evento na história.

Assim como a morte de Cristo foi um fato objetivo, o mesmo ocorre com o nosso batismo. Na Roma pagã, o homem batizado era um homem morto, naquilo que dizia respeito à sua vida antiga. Ao submeter-se ao batismo cristão, ele morria para a sua vida antiga, e a partir daí ele se identificava com Cristo e com a nova vida que Ele veio dar. Em toda esta passagem, o apóstolo está lembrando os romanos deste fato solene, que eles estavam aparentemente correndo o risco de esquecer. “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (v. 3).

Tudo isto, devemos entender, é para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. “O objetivo desta execução moral, incluída no mesmo fato da fé, é a destruição do corpo do pecado”. Qual é o corpo do pecado (to soma tes hamartias)? Literalmente, é o “corpo que pertence ao pecado” (possessivo genitivo): o corpo do qual o pecado se apossou. O melhor comentário é provavelmente 7.14-15.

A versão RSV traduz a expressão como “o corpo pecador”. Se chamarmos o corpo de “pecador”, faremos o mesmo de quando

falamos de “lucro imundo”. Sem Cristo, o corpo do homem é degradado pelo pecado. Paulo sem dúvida está pensando no corpo físico como um instrumento para o pecado. Assim, embora a expressão to soma tes hamartias deva ser interpretada neste contexto, não é esse corpo que deve ser destruído, mas o corpo como um instrumento para o pecado. Libertados do pecado, somos capazes de apresentar os nossos corpos como sacrifícios vivos a Deus (12.1), para sermos “instrumentos de justiça para Deus” (v. 13, NASB).

Entretanto, alguns intérpretes julgam que nós devemos entender soma como mais do que o organismo físico. Dodd insiste que significa “o ser individual como um organismo (nem carne nem espírito individualmente, e a ‘alma’ meramente como o princípio animador da carne, ou da estrutura física)”. Portanto, ele prefere pensar no “corpo pecador como um ser organizado a partir dos sentimentos maus e não harmoniosos”307 (veja 7.18). Destruir - ou desfazer - o “corpo do pecado”, portanto, seria “desintegrar estes maus sentimentos, e desta forma destruir o ser construído a partir deles, em uma preparação para a organização de um novo ser, ao redor do centro que Cristo fornece para o crente”.

Barth claramente entende assim corpo (som a), pois ele diz, com vigor característico: “Este é o nosso conhecimento de Jesus Cristo, no qual a nossa fé se funda - que o ‘velho homem’, isto é, nós mesmos, como inimigos de Deus, fomos crucificados e mortos na crucificação (e com ela) do homem Jesus no Gólgota, e o ‘corpo’ (isto é, o sujeito, a pessoa que precisa desta salvação) do pecado, o homem que pode e quer pecar, e irá fazê-lo, foi removido, destruído, acabado, simplesmente já não está mais ali (e portanto não foi simplesmente ‘destituído de poder’)”.

A versão NEB traduz assim o versículo 6: “Sabemos que o homem que já fomos foi crucificado com Cristo, para a destruição do ser pecador, para que não mais sejamos escravos do pecado”. Tal é a obra de Cristo: ela possibilita a cura completa para o pecado que entrou na raça humana por meio da transgressão de Adão. Pela graça de Deus, “o pecado” (cf. 5.12) pode ser extirpado da natureza humana. Este foi o objetivo da morte de Cristo, e esta é a possibilidade que se abre a cada cristão. O fato de que cada crente não tenha percebido esta libertação total é a oportunidade da discussão de Paulo nesta passagem. Ele quer que os seus leitores saibam que a salvação completa é uma opção viva para o homem justificado.

O versículo 7, Porque aquele que está morto está justificado (dedikaiotai) do pecado conclui o versículo 6. O pecado agora perdeu a sua reivindicação sobre o homem que morreu com Cristo. “Ele quer dizer que aquele que morreu, e já não tem um corpo para colocar a serviço do pecado, agora está legalmente isento de realizar os desejos daquele senhor, que até então tinha disposto livremente dele”.

Leenhardt destaca que os versículos 5-7 consideram o batismo libertador, do ponto de vista da sua participação na morte de Cristo; os versículos 8-10 apresentarão Cristo como àquele que traz a nova vida. O versículo 8 declara: Ora, se já morremos com Cristo (ei de apethanomen syn christo, tradução literal, NASB), cremos (pisteuomen, somos convencidos de) que também com ele viveremos.

A morte com Cristo é um evento passado; o pecado já não reina sobre um crente justificado. Mas nem todo cristão conseguiu entender o significado completo da promessa de que também com ele vive remos. Como no versículo 5, Paulo está falando da “participação da vida santificada do crente com a vida de Cristo, mais do que da participação na glória futura que não é o assunto aqui”.Viver com Cristo é compartilhar da sua vida como alguém ressuscitado e glorificado. O ser, tendo renunciado ao seu centro organizado falso e destruidor, se prende ao centro novo, santificador, e que dá a vida - o Senhor Jesus Cristo.

“Este é o nosso Pentecostes”, afirma Godet, “análogo à sua ressurreição”. Também existe um eco de 5.10, onde Paulo falava do nosso ser “salvo pela sua vida”. O significado completo deste conceito ficará claro quando chegarmos a 8.1-4. Pela sua derrota pessoal do pecado, Cristo santificou completamente a natureza humana, e nos forneceu o Espírito santificador. Assim como Adão perfurou o dique pelo qual ocorreu a irrupção do pecado, Cristo abriu as comportas do Espírito Santo à natureza humana.

Paulo prossegue: sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez (ephapax, “de uma vez por todas”, RSV) morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus (9-10). A primeira frase enfatiza que a ressurreição de Cristo foi um evento escatológico. A ressurreição de Cristo, diferentemente da de

Lázaro, impediu a possibilidade de que Ele morra novamente. Ele, e somente Ele, iniciou a ressurreição da vida da era que virá. Isto porque “a sua morte foi uma morte para o pecado e valeu de uma vez por todas” (NASB). “Cristo morreu para o pecado porque ele morreu sem pecado, porque ele morreu pelo pecado (pela desobediência ao seu Pai), e porque ele morreu em um contexto de pecado”.

Portanto, a sua morte, em lugar de ser um sinal da vitória do pecado sobre a verdadeira natureza humana do homem, foi um sinal da “completa derrota do pecado em um combate decisivo”. Enquanto para outros homens a morte tinha sido a sentença da condenação, Cristo “condenou o pecado na carne” (8.3), e venceu o adversário no mesmo campo de batalha onde ele tinha se entrincheirado. Além disso, ele ressuscitou dos mortos pela glória do Pai (v. 4), para que Ele pudesse continuar a viver somente para Deus.

Agora chegamos ao que Dodd chama de “conclusão muito importante”. Como Cris to, de uma vez por todas, morreu para o pecado... Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus (ll).317Isto é um imperativo, um desafio encorajador (logizesthe heautous): “Vocês devem se considerar mortos para o pecado; mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (NASB). “Se na verdade os crentes tomam parte da vida e da morte de Cristo; se eles morrem com ele, e vivem com ele, então devem se considerar assim.

Eles devem receber esta verdade, com todo o seu poder consolador e santificador, nos seus corações, e manifestá-la em suas vidas. A exortação é: “Sejam, de fato, o que em Cristo vocês são potencialmente”. Pelo reconhecimento da fé, entrem nas amplas possibilidades da sua nova união com Cristo. Considerai assim: “Os pregos que perfuraram as suas mãos e os seus pés santos destruíram o meu antigo ser. Cristo e nós fomos separados do pecado pela mesma morte misteriosa; e, portanto, estamos mortos com Cristo.

Isto implica que a nossa separação do pecado e a nossa devoção a Deus são dádivas de Deus para nós, e que trabalham em nós. E implica que Deus as dá a cada um de nós no momento em que acreditamos que são nossas. Se não for assim, o nosso reconhecimento, que podemos fazer a seu convite, é um engano.

Portanto, nós chegamos à Cruz e ao sepulcro vazio de Cristo. Nós nos lembramos da falta de pecado e da devoção a Deus do Salvador

morto e ressuscitado. Sabemos que ele morreu para que nós, pela união espiritual com Ele, possamos ser como Ele. Talvez até este momento tenhamos estado tristemente vivos para o pecado, mas parcialmente devotados a Deus. Mas Deus nos pede que nos consideremos como compartilhando a morte e a vida de Cristo. Em vista do objetivo de Deus, e da morte de Cristo, não ousamos hesitar. Dizemos: contradizendo as nossas experiências passadas, estamos mortos para o pecado; a partir de agora, vivo somente para Deus. O que dizemos que consideramos, com o convite de Deus, é verdade. E Deus concretiza em nós, pela união com Cristo, a sua própria palavra e a nossa fé. A partir de agora, enquanto mantivermos a nossa confiança, descobriremos, por feliz experiência, que pela graça e poder de Deus, de uma maneira desconhecida antes para nós, estamos separados do pecado e vivos para Deus.

Em 12-13, Paulo escreve: Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mor tal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências. Nem tampouco apresenteis (mede paristanete, imperativo presente, "não continuem entregando", NASB) os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniqüidade; mas apresentai-vos (parastesate, imperativo aoristo, "entreguem-se 'por um único ato decisivo a Deus, como vivos dentre mortos (hosei ek nekron zontas, "como homens que foram trazi dos da morte à vida", RSV), e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. Embora o domínio do pecado esteja destruído pela justificação, ainda é possível que, embora o pecado não necessite mais dominar, apesar disso o homem justificado possa escapar da graça (v. 16) e permitir que o pecado domine.

É possível que este homem "continue entregando" as partes do seu corpo como instrumentos para o uso do pecado. "A própria frase 'Não deixem que o pecado domine' supõe que ele ainda esteja ali. Mas ele não deve mais estar como soberano, pois ele perdeu o seu instrumento e auxiliar poderoso, o corpo, que se tornou, em Cristo, o instrumento de Deus". É por isto que o cristão, e somente o cristão, pode apresentar os seus membros a Deus, como instrumentos de justiça.

Ele foi liberado do domínio do pecado na sua personalidade; ele é um homem livre em Cristo. A questão que ele enfrenta agora é: O que eu vou fazer com a minha nova liberdade. Será que vou usá-la "para dar ocasião à carne", ou será que vou empregá-la para servir a Deus e ao meu próximo em amor? (cf. G1 5.13). Será que vou me colocar à

disposição da maldade, ou será que vou me entregar a Deus em um ato de completa consagração?
E educativo observar a linguagem exata que Paulo emprega aqui. Em primeiro lugar, ele insiste: apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, isto é, apresen tem o mais profundo do seu coração a Ele, dizendo “seja feita a sua vontade, e não a minha”. Em segundo lugar, entreguem... Os seus membros a Deus, como instrumentos de justiça. Coloquem todos os órgãos do seu corpo, e todo poder da sua personalidade redimida, à disposição de Deus. Esta é a parte do homem - a consagração. Aparte de Deus é a santificação. Isto fica claro no versículo 22: “Mas agora vocês foram libertados do pecado e são servos de Deus.

Com isso vocês ganham uma vida completamente dedicada a Ele, e o resultado é que vocês terão a vida eterna (RSV). Veja 12,1-2, onde os dois aspectos são reunidos em um conjunto global. O nosso papel é consagrar; o de Deus é santificar. O nosso é entregar; o de Deus é transformar.

Paulo conclui esta seção sobre a morte com Cristo com uma palavra final de encorajamento. Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça (14). João Calvino escreve: “Aqui temos, me parece, um encorajamento para o conforto dos crentes, para que eles não fracassem nas suas tentativas de se agarrar à santidade pela percepção da sua própria fraqueza. Ele os exortou a aplicarem todas as suas forças na obediência à justiça, mas como eles ainda têm os resíduos da carne, não conseguem fazer outra coisa a não ser caminhar hesitantes”. Este é o dilema do homem justificado que ainda não sentiu o escopo da santificação divina, que é o objetivo para a sua vida.

Ele se encontra, às vezes, esmaga do pelo pecado; e assim precisa construir novamente as bases do arrependimento e da fé. Que este homem não perca a coragem, pois “agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (8.1). Como um crente justificado, procurando andar sob a plena luz de Deus, ele não está mais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Deus não computa o pecado residual contra o crente (cf. 1 Jo 1.7), enquanto este, voltando-se contra o pecado com a mais profunda rejeição pessoal, e voltando-se para Deus com o mais profundo compromisso pessoal, procurar a completa libertação do Espírito em sua vida. Que o crente, portanto, se alegre com o sorriso de Deus e viva com a feliz expectativa da libertação completa pelo poder de Cristo.

Embora o pecado permaneça, ele não domina. Portanto, o crente pode encontrar coragem e conforto em Cristo. Como nós também estamos debaixo da graça, não somos responsáveis pelas nossas transgressões inadvertidas e inconscientes em relação à lei de Deus. Os cristãos foram leva dos da ordem legal das obras à ordem evangélica da "fé que opera por amor". Mas que o crente nunca se esqueça das palavras da promessa: "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (1 Ts 5.23-24).

Permanece uma questão. Falando como um novo homem em Cristo, devo perguntar: "Quando foi que morri com Cristo para o pecado?" A resposta de Paulo tem quatro partes:

a) Você morreu com Cristo na provisão feita por Ele no Calvário. A morte dele foi potencial e provisoriamente a sua morte; a ressurreição dele, a sua ressurreição para a novidade da vida. A Cruz significou mais do que propiciação, com a bênção conseqüente da justificação (3.21-28); a morte de Cristo foi a condenação do pecado, a sua extirpação da natureza humana (8.3) e, portanto, a sua santificação (v. 6; 8.1-4; cf. 1 Co 1.30; Ef 5.25-27).

b) Você morreu com Cristo em propósito quando foi justificado. Na cruz, você foi submetido ao julgamento de Deus sobre os seus pecados; no que diz respeito à sua intenção e ao seu consentimento, você entregou o seu ser pecador à morte quando abraçou a morte de Jesus com fé penitente (veja G1 5.24). Além disso, a sua antiga existência em Adão foi interrompida quando, pela fé, você se tornou uma nova criação em Cristo (veja 2 Co 5.17). Pela ação de Deus, você foi levado ao domínio do seu Filho Amado (veja Cl 1.13). Em Cristo, você foi "justificado do pecado" (v. 7), libertado do poder do pecado e das reivindicações do pecado - o pecado já não domina mais a sua vida.

c) Você morreu com Cristo em profissão quando se submeteu ao batismo cristão (w. 3-4). Submergindo na água do batismo, você foi sepultado com Ele na sua morte (cf. v. 10), você foi arrancado do seu passado pecaminoso, você saiu do batismo como um homem de Cristo, com um novo futuro, e com um novo nome.

d) Finalmente, você morre com Cristo pela experiência pessoal presente quando 1) ao considerar a fé, você abraça as provisões completas do Calvário (v. 11), e 2) você se entrega a Deus em um ato

de completa consagração (v. 13). Neste ato de consagração e fé, o seu corpo mortal deixa de ser um instrumento do pecado para ser o templo do Espírito Santo. Embora sejamos santificados “pela fé” (At 26.18), Deus dá o Espírito Santo somente “àqueles que lhe obedecem” (At 5.32). A fé e a obediência são dois lados da mesma moeda.

A santidade pela fé em Jesus,
Não pelo esforço próprio,
O domínio do pecado é esmagado e destruído
Somente pelo poder da graça.
A própria santidade de Deus em você,
A própria beleza Dele na sua expressão;
Esta será a sua vivacidade como peregrino,
Esta será a sua porção abençoada agora.
- Citado por Skevington Wood
“Quando Deus nos convida a nos considerarmos mortos para o pecado, e a partir de então vivermos somente para Ele, nos lembramos da nossa fraqueza moral, e dizemos: como pode ser isto? Mas quando descobrimos que a partir de então o Espírito de Deus irá residir em nós, para que pelo seu poder Ele possa nos proteger de todo o pecado, e pela sua santidade dirigir a Deus todos os nossos objetivos e esforços - quando descobrimos isto, a nossa dúvida dá lugar ã expectativa confiante e à gratidão que nos leva à adoração. Pois estamos certos de que o Espírito é capaz de realizar, até mesmo em nós, o propósito de santidade de Deus” (Veja os comentários sobre 8.1-11).

2) A santificação como uma nova obediência (6.15-23). Esta seção enfatiza que aqueles que, de acordo com o versículo 14, já não estão mais debaixo da lei, mas debaixo da graça, foram trazidos a um relacionamento de serviço que significa a obediência de todo o coração (v. 17). Paulo diz, no versículo 19, que esta é uma maneira humana de considerar o assunto, adotada pela fraqueza da vossa carne, ou seja, ele introduz esta discussão para se fazer completamente compreendido, caso aquilo que ele disse nos versículos 1-14 não tenha sido perfeitamente compreensível.

Ao mesmo tempo, Paulo deixa claro que as palavras que virão a seguir não devem ser interpretadas em nenhum sentido legalista, mas devem ser ouvidas e compreendidas à luz do que ele acabou de dizer sobre a nossa morte com Cristo para o pecado, e como uma aplicação dela.

Ele começa recolocando a questão do versículo 1. Pois quê? Pecaremos (hamartesomen, “devemos pecar?”) porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum! (15). Mas esta não é meramente uma repetição da questão anterior. A primeira pergunta era “Permaneceremos no pecado?” Esta é: “Pecaremos?”, ou seja, “Continuaremos a pecar?” A primeira lida com o estado permanente de pecado; a segunda com o ato da desobediência. Nos versículos 1-14 o apóstolo demonstrou a incompatibilidade fundamental entre a graça e o pecado (he hamartia, “o pecado”). Um homem que morreu para o pecado não pode continuar vivendo nele. Ele passou da ordem antiga da morte em Adão para a nova ordem da vida em Cristo - e esta nova vida é uma existência santa.

Este homem, que veio à nova ordem da graça e da vida por meio de Cristo é, portanto, um homem que deixou de pecar. Assim, aqui nos versículos 15-23, Paulo demonstra a incompatibilidade fundamental entre a graça e o ato de pecar. Isto fica claro pelo verbo hamartesomen, um subjuntivo aoristo, que pode ser traduzido literalmente como: “Vamos nos preparar para um único ato de pecado?” Paulo responde: Me genoito, “É claro que não, nunca!” (NASB; cf. 13.14).

Paulo exulta: Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos (doulous, “escravos”; com o mesmo significado ao longo desta seção) para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? (16). “O homem tem um senhor, de uma maneira ou de outra. Ou ele é um servo do pecado, ou um servo da obediência.

O pecado e a obediência, portanto, não são as nossas ações em primeiro lugar, mas os poderes que exercem domínio sobre nós”. Ao colocar estes dois senhores em sobreposição, Paulo deixa claro que o pecado é a desobediência (cf. 4.15; 5.13-14), e não uma mera “falta de compreensão do significado”. Hamartia significa basicamente “iniqüidade” (1 Jo 3.4; cf. 8.7). O homem que peca não é somente um atirador com má pontaria, ele mira o ponto errado e assim erra o alvo. O pecado é um “erro voluntário”. Como o pecado é um assunto tão sério, o crente justificado que voluntariamente desobedece a Deus se encontra novamente escravizado pelo pecado. Como o próprio Senhor advertiu: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado” (Jo 8.34).

E o salário do pecado é a morte (v. 23; cf. 8.13). Paulo está fazendo eco ao aviso que Deus fez a Adão na época em que ele era inocente (Gn 3.3), assim como a palavra do profeta: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). Desobedecer a Deus é novamente ficar debaixo “da lei do pecado e da morte”. Por outro lado, a escravidão à obediência resulta na justiça. O versículo seguinte mostra a importância desta nova justiça cristã.

Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça (17-18). A graça de Deus, que nunca poderá ser louvada suficientemente, significa que, embora fôssemos servos do pecado, já não mais o somos, “pois quando o evangelho nos foi contado e nós o ouvimos, nos tornamos obedientes a ele com todo o nosso coração, e, portanto, com toda a nossa existência”. Portanto, nós nos tornamos sujeitos àquele segundo campo (ou reino), o de servos da justiça. Assim, “a justiça permanece importante para os cristãos; a única justiça de que desistimos foi da nossa própria, e para que possamos estar sujeitos à justiça de Deus - que não é menor, mas sim maior do que a humana (cf. Mt 5.20)”.

O que significa ser servos da justiça? Neste novo relacionamento de graça, não estamos, para dizer a verdade, lidando com a escravidão, mas sim com a liberdade. Tendo sido libertados da servidão do pecado, nos tornamos “servos da liberdade”. O serviço a Deus é a liberdade perfeita. Este é o paradoxo da justiça de Deus.

Neste ponto, Paulo insere o seu parêntese apologético, que é o seguinte: Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne (19; cf. 3.5; 1 Co 9.8; G1 3.15). A seguir: pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para a maldade, assim apresentai (parestesate, subjuntivo aoristo, como no versículo 136; apresentar em um ato decisivo de dedicação) agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação (hagiasmon, “santificação”, NASB, RSV). Mais uma vez vemos a relação entre a consagração e a santificação (veja os comentários sobre o versículo 13).

E impensável um acordo entre o pecado e a justiça. Um homem não pode servir a dois senhores. Estas atitudes são mutuamente

excludentes. Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte. Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação (hagiasmon, “santificação”, NASB, RSV), e por fim a vida eterna (20-22).

“Assim como você tinha um senhor naquela época, também tem um Senhor agora”, parafraseia Barth, “você também estava livre, isto é, da justiça - uma terrível liberdade, o inevitável resultado vergonhoso, e cujo fruto é a morte. E da mesma forma, você está livre novamente, isto é, do pecado, porque você se tornou servo de Deus, com o resultado de que, pela sua decisão e pela ordem conseqüente, você é um homem santificado que, como tal, está no caminho da vida eterna”. Agora retornamos à elevada visão da santificação que se iniciou nos versículos 11-13. Ao se apegarem às amplas possibilidades da graça de Deus, os cristãos romanos podem se tornar homens completamente santificados, com a esperança da vida eterna.

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor (23). Nesta frase final, o contraste entre o pecado e Deus dificilmente é mais importante do que a correspondente antítese entre salário e dom gratuito. A antiga escravidão ao pecado estava debaixo do domínio da lei, e o pecado concomitantemente pagava um salário; a nova escravidão a Deus está debaixo do domínio da graça, e Deus concomitantemente dá um “dom da graça” (charisma), ou seja, a vida eterna. Dentro deste “dom da graça”, afirma Godet, “está à plenitude da salvação.

CONCLUSÃO

Tudo nesta obra, desde a justificação inicial até a absolvição final, incluindo a santificação e a preparação para a glória, é um dom gratuito, um favor imerecido, como o próprio Cristo que foi feito justiça, santidade e redenção para nós.

Elaboração pelo:- Evangelista Isaias Silva de Jesus

Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério Belém Em Dourados – MS